

Fernando Motta - O Intérprete das Organizações Por:

Roberto Heloani

Elaborar um depoimento é tarefa difícil para quem, como eu, habituou-se a produzir discursos científicos. Redigir um texto desse teor é, irremediavelmente, efetuar um recorte pessoal em uma trajetória temporal, trazendo à recordação, na forma de palavras, apenas o que supomos que constituam alguns focos de interesse a respeito de uma personalidade ímpar.

Escrever sobre o grande mestre Fernando Claudio Prestes Motta nos obriga a pensar sobre nós mesmos. Por quê? Porque esse eminente professor e pesquisador, discípulo de Maurício Tragtenberg, marcou a vida de todos os que tiveram o privilégio de sua convivência, quer como seus alunos, quer como seus colegas de profissão. Não só influenciou a todos intelectualmente, mas também, e porque não dizer, eticamente.

Dono de uma erudição incomum, sempre se apresentou a nós de forma simples e afetuosa, sabendo, sobretudo, ouvir. Avesso a qualquer forma de preconceito, sempre encarou a Educação ou seu próprio ofício como educador, como alvo de finalidade libertária.

Quando cursei meu mestrado na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, esse grande intelectual apresentou-me a grandes nomes como Claude Lévi-Strauss, Pierre Bourdieu, Louis Althusser, Cornelius Castoriadis, Michel Foucault, além dos chamados pós-modernos como Jacques Derrida e Jean Baudrillard, sem falar nos "clássicos" da Sociologia e da Teoria das Organizações.

Foi nesse momento privilegiado que conheci Fernando Prestes Motta, ou simplesmente, para nós, Fernando. A primeira impressão que nos causou estava ligada à sua jovialidade, informalidade e a uma certa "irreverência respeitosa" que lhe era característica. Digo "irreverente" porque nunca se conformou com a opressão, em qualquer forma que se apresentasse, fosse ela oriunda da lógica burocrática, fosse ela concernente às complexas relações entre os sistemas sociais e o funcionamento psíquico.

Sempre aliando um rigor acadêmico em tudo o que pensava a certa doçura em tudo o que sentia, conduzia sua vida imerso em grande inquietação intelectual e inesgotável energia que se externalizava em sua criativa e abrangente obra.

Tal como Maurício Tragtenberg, seu mestre, Fernando Motta é alguém que inspira e conduz a outras pesquisas. Sem nunca assumir uma postura doutrinária rígida, ambos primaram pela defesa da

liberdade de pensamento, de organização e de expressão social, na crença de que a autonomia e a defesa dos princípios democráticos constituem o baluarte da dignidade humana.

Centrado na interdisciplinaridade, perspectiva eleita por ele, Fernando Motta constrói todo um paradigma multidimensional que, como um prisma, difunde suas idéias sob as mais diversas óticas que vêm a se complementar. Isso para a abordagem do objeto de uma de suas maiores preocupações, o enfoque das relações de poder e subjetividade nas grandes organizações.

Adepto da "desconstrução" no sentido de desconstruir o poder, este lúcido pensador lembra, em certos aspectos, o filósofo argelino Jacques Derrida que, em meados da década de 1960 começou a desenvolver uma estratégia "subversiva" de leitura (a ambigüidade,

presente em qualquer texto, por mais racional que este texto se apresente, permite uma inversão de suas premissas, o que acaba por anular sua hierarquia de idéias).

Isso porque Fernando Prestes Motta faz uma crítica ao poder crescente da tecnoburocracia, desconstruindo sua pretensa racionalidade. Por meio dessa atitude, demonstra a irracionalidade dessa lógica instrumental. Desse modo, sua obra pode ser encarada como ferramenta política para os que pretendem denunciar a supremacia das ideologias, a alienação do sujeito em sua inserção social, a apologia da tecnocracia e do poder das organizações.

Para Prestes Motta, as relações de poder são relações que implicam particularidades, ou seja, o universo organizacional é o locus do social imbricado ao psíquico, constituindo identidades em construção. Poder-se-ia questionar a utilidade dessas denúncias, uma vez que relações hierárquicas de poder sempre permearam as organizações. Mas o fato é que considerando as instituições não como essências mas como práticas, este pensador tenta compreendê-las talvez com a esperança utópica de que algum dia venham a se modificar.

Talvez inspirando-se em Sigmund Freud, que estabeleceu a indissociabilidade entre o inconsciente individual e a vida social ("a psicologia individual é também, desde o princípio e simultaneamente, uma psicologia social"), Prestes Motta seduz o leitor com a idéia de que mediante a articulação do particular com o social e o institucional podemos resignificar o sujeito constituído na vida organizacional, produto de relações intersubjetivas e, portanto, sujeito do inconsciente multi-determinado. Propicia, assim, uma relação dialógica entre a microsociologia e a psicanálise no intuito de fortalecer o aprofundamento do estudo crítico daquilo que é difícil de falar e de que pouco se fala ... o poder das e nas organizações.

Tal como Derrida, que desconstruía textos para reinterpretá-los, Prestes Motta desconstruía o poder para revelar o homem no interior das organizações. E, similarmente a Derrida, nosso mestre com certeza consideraria que conceitos universais como as idéias de justiça, democracia e amizade são indesejáveis, ou seja, inegociáveis. Essa foi a maior lição que esse emérito professor e

pesquisador nos legou como testemunho de vida.

FREUD, Sigmund (1921). Psicologia de grupo e análise do ego. Rio de Janeiro: Imago, 1987. (Edição standard das Obras Psicológicas Completas de Freud, volume 18).